

GÊNERO E SEXUALIDADE NAS AULAS DE DANÇA DO COMPONENTE CURRICULAR ARTE: REFLEXÕES DO PIBID DANÇA

Roana Borges Barbosa ¹
Jonas Roberto Valério Silva ²
Hayala César de Sales ³
Arthur Marques de Almeida Neto ⁴
Michelle Aparecida Gabrielli Boaventura ⁵

RESUMO

Este artigo foi desenvolvido a partir de vivências em sala de aula do Ensino Fundamental I junto ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, da área de Dança (Pibid-Dança), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), realizadas em uma escola municipal de Ensino Fundamental em João Pessoa/Paraíba. Entende-se as aulas de Dança, dentro do componente curricular Arte, como espaço potente para discussões e reflexões de temáticas diversas como, por exemplo, as questões de gênero e sexualidade. Isso porque o trabalho da dança é corporal e é nele onde se processam e se configuram as questões de gênero e sexualidade. Para tal, tem-se amparo em teóricos/as como Guacira Lopes Louro (1998; 2000); Letícia Nascimento (2021); Beatriz Accioly Lins, Bernardo Fonseca Machado e Michele Escoura (2016), Maria Homem e Contardo Calligaris (2019). Os resultados encontrados, até então, relacionam-se à percepção de como meninos e meninas ocupam os espaços da escola. Por exemplo, no intervalo os meninos estão sempre correndo e ocupam todo o pátio com suas brincadeiras enquanto as meninas permanecem sentadas conversando, não há interação entre eles e elas. Porém, nas aulas de dança, percebeu-se uma interação espontânea entre eles e elas, bem como com o ambiente. Portanto, buscou-se desenvolver práticas pedagógicas que coloquem os temas citados no centro das discussões realizadas em sala de aula, a fim de se prevenir ações derivadas de ideias preconceituosas no espaço da escola-campo dos estagiários do PIBID-Dança.

Palavras-chave: Gênero, Sexualidade, Dança na escola, Pibid Dança.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, roana_borges@hotmail.com;

² Graduando do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, jonassilva.2000@hotmail.com;

³ Licenciada em Dança pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE e Mestra em Artes pelo programa de mestrado PROF-ARTES/UFPB, hayalacesar@gmail.com;

⁴ Doutor em Comunicação e Semiótica – PUC-SP; Professor Adjunto do Departamento de Artes Cênicas da UFPB, arthur.marques@academico.ufpb.br;

⁵ Orientadora, professora Dra. do Curso de Licenciatura em Dança, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, mgboaventura@outlook.com.br.

INTRODUÇÃO

O presente artigo foi construído por estudantes do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e tem por objetivo perceber como os meninos e meninas utilizam os espaços da escola, relacionando essa utilização com reflexões sobre gênero e sexualidade, em especial, no que tange a definição de papéis de gênero. A oportunização desse diálogo tem sido possível mediante atuação enquanto bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, da área de Dança (Pibid Dança), realizado com crianças do quarto ano (4º) D, na faixa etária dos nove (9) anos aos dez (10) anos em uma escola da rede municipal situada no bairro Ernesto Geisel na cidade de João Pessoa, na Paraíba.

Entende-se que gênero e sexualidade, segundo Altmann (2001), devem ser falados na escola por serem temas que caminham pela contemporaneidade. Isso implica que o ensino da arte tem um papel muito importante devido ao seu poder humanizador.

Tanto a ciência quanto a arte, respondem a essa necessidade mediante a construção de objetos de conhecimento que, juntamente com as relações sociais, políticas e econômicas, sistemas filosóficos e éticos, formam o conjunto de manifestações simbólicas de uma determinada cultura. Ciência e arte são, assim, produtos que expressam as representações imaginárias das distintas culturas, que se renovam através dos tempos, construindo o percurso da história humana (PCNArte, 1997, p. 26).

Em entrevista ao canal Casa do Saber a pedagoga e pesquisadora de Gênero e Educação Letícia Nascimento (2022), coloca que a escola enquanto lugar de disputa do discurso político deve proporcionar ao estudante durante seu período de escolarização a liberdade de expressão e construção de seu gênero e sexualidade. Visto que é nesse espaço que aprendemos não só o conhecimento científico produzido socialmente, como também as normas sociais que nos instrumentalizam para conviver em sociedade. Uma vez pertinente à vida do sujeito e da coletividade, o diálogo sobre gênero e sexualidade não pode estar ausente ou embotado no cotidiano escolar, pois é pertinente à vida dos sujeitos e da coletividade.

A ação promovida pela Pró-Reitoria de Graduação Coordenação de Programas e Projetos Acadêmicos ao lançar o Edital Capes nº 22/2023 do Programa Institucional de Iniciação à Docência (Pibid), pelo prazo de dezoito (18) meses, iniciado em novembro de 2022, possibilita aos licenciados o aprofundamento na escola-campo selecionada. Vale salientar que, os discentes aqui em questão ainda não tinham cursado o componente curricular estágio supervisionado, o que tornou a experiência do Pibid ainda mais intensa, a princípio.

Foi partindo da relação de orientação e compartilhamento de ideias e dúvidas construídas entre nós, a professora orientadora e a supervisora, que preparamos aulas de dança para abordar tanto conhecimentos específicos, quanto o debate sobre gênero e sexualidade pensando de que maneira a dança, enquanto área de conhecimento que tem como objeto central o corpo pode abordar no ensino formal público esses dois temas produtos da nossa cultura, vivenciados e ensinados ao longo da vida.

METODOLOGIA

Iniciamos as atividades na escola propriamente dita em março de 2023, contemplando tanto observações quanto um total de oito (8) regências. Essa dinâmica proporcionou o desenvolvimento do trabalho durante as aulas de dança com os estudantes do 4º ano D, uma vez que percebemos como as questões de gênero e sexualidade atravessam as relações e comportamentos das crianças. O anseio por abordar o tema partiu muito mais de um desejo nosso, bolsistas, por entendermos a relevância do trato com as questões de gênero e sexualidade no cotidiano escolar, isso porque durante as regências e observações o comportamento da turma de modo geral não trouxe à tona ações gritantes de machismo e/ou preconceito, embora tais atitudes estivessem expressas e presentes, de forma sutil, nas interações entre os alunos e as alunas.

A exemplo disso, pudemos notar a dificuldade de alguns alunos e alunas em se mover na hora da dança ou de atividades propostas. Como se fossem corpos enrijecidos, mesmo que por razões distintas: “menino não movimenta o quadril, menina não expõe o corpo”, ou até mesmo o déficit de estímulo que trazia à tona uma expressão de: “esse movimento é muito diferente e estranho”. Como dito anteriormente, a turma não se opunha a fazer as atividades tão pouco tinha comportamentos que demarcaram fortemente uma realidade, apesar disso, as expressões, gestos e um pouco de relutância para algumas proposições revelava um corpo que já estava carregado de noções de certo e errado e do que é para menina ou menino.

Nesse sentido, nos surpreendeu positivamente a reação expressiva deles e delas quando realizamos a aula que abordava a combinação das oito (8) ações básicas de movimento do dançarino, coreógrafo e estudioso do movimento Rudolf Laban, e uma dinâmica que trazia como pano de fundo a discussão sobre desigualdade salarial. As ações em questão: torcer, pressionar, chicotear, socar, flutuar, deslizar, sacudir e pontuar foram trabalhadas a partir de

situações que propúnhamos aos alunos e alunas, como por exemplo: caminhar como se estivesse na Lua, caminhar como se carregasse um elefante, empurrar uma parede bem pesada, torcer o corpo para passar embaixo de um tronco de árvore, entre outras situações. A brincadeira possibilitou a descontração e maior soltura dos corpos que experimentaram mais as possibilidades sem se preocupar com o fato de serem meninos ou meninas.

Em seguida, realizamos uma dinâmica em grupo. Para tal, foram divididos quatro (4) grupos mistos (meninos e meninas), que tinham um único objetivo: depositar todas as bolinhas correspondentes ao seu grupo dentro de um saco que estava no centro da sala. Cada participante do grupo ia correndo para o centro da sala para depositar uma bolinha por vez, de modo que quando um retornava era vez do outro ir deixar a bolinha e assim por diante. O grupo que colocasse todas as suas bolinhas primeiro no saco, ganhava a brincadeira. Ao final, parabenizamos o grupo ganhador e distribuimos bombons para todos e todas por participarem da brincadeira. Como forma de induzir o debate, demos três (3) bombons para os meninos e apenas um (1) para as meninas. Antes mesmo de finalizarmos a entrega para toda a turma, tanto meninos quanto meninas começaram a questionar a diferença no prêmio de participação dizendo que a quantia estava errada, que não era justo, que era machismo e até perguntando porque eu enquanto mulher estava deixando aquilo acontecer. Aproveitamos o ensejo para trazer mais perguntas: vocês acham que isso acontece no mundo do trabalho? Se o trabalho foi coletivo, como poderíamos resolver essa divisão do prêmio e deixá-la justa? Os meninos estão dispostos a abrir mão dos bombons que receberam a mais? Tivemos respostas variadas: “juntar todos os bombons e dividir de novo”, “entregar a mesma quantidade de bombons para as meninas”, “os meninos dividirem o que receberam com as meninas”. Algumas meninas se posicionaram mais que outras, e os meninos foram de acordo com o fato da divisão ter sido injusta. Pontuamos o fato dessa desigualdade ainda ser real no âmbito do trabalho e o quanto é importante eles e elas serem cientes disso e se posicionarem quando acreditarem que algo está errado.

Somada a essa atividade mais específica, optamos por utilizar ao longo das regências uma linguagem que enfatizasse os termos menino e menina ao invés de apenas menino para se direcionar ao todo. Bem como, atividades construídas a partir das manifestações do Toré e Coco de Roda, temas da Cultura Popular que têm em comum uma abordagem mais horizontal e democrática em relação à movimentação corporal durante as danças.

A soma de tais proposições nos permitiu abordar durante as aulas do componente Arte/Dança de maneira ora direta ora indireta discussões pertinentes a formação e vivência do

gênero e sexualidade em sala de aula, oportunizando o espaço para a experimentação e discussão entre e com os alunos e alunas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Como nos aponta o doutor em antropologia Bernardo Fonseca Machado e a doutora em antropologia Beatriz Accioly Lins (2016) em uma entrevista à plataforma online da revista Carta Capital, a construção do gênero se dá antes mesmo do nascimento do indivíduo, a partir da generificação da criança por parte da família e sociedade após a descoberta do sexo biológico. Ou seja, desse momento em diante ocorre a distinção de papéis de gênero e categorização do que é para menino e o que é para menina, delimitando e definindo o comportamento, oportunidades e experiências de vida que esse novo ser terá.

Em consonância com Machado e Lins (2016), a filósofa Judith Butler (2003), reafirma a perspectiva de gênero e sexualidade enquanto produtos sociais afirmando que a construção do que entendemos por mulher ou homem é reiterada cotidianamente e está embasada em um agrupamento de códigos e condutas preestabelecidas a partir do nosso sexo biológico tecendo o que chamamos de papéis de gênero. Tais códigos e condutas constroem e nos direcionam às nossas “escolhas” que variam desde o modo de caminhar, vestir, falar, dançar até mesmo que fila escolher na hora de ir ao banheiro ou como nos portamos ou desobedecemos aquilo que está posto, seja dentro ou fora do espaço escolar. Nesse sentido, incorporar o ensino e diálogo sobre gênero nas escolas é viabilizar um espaço de ensino-aprendizagem que flexibilize a lógica binária de feminino-masculino na perspectiva de promover um ambiente livre para que as crianças, adolescente e jovens possam se expressar de forma mais livre, seja nas brincadeiras, vestimentas ou vivência de seus afetos.

Sobre o termo “papéis sociais”, citado por Butler, apontamos a perspectiva da doutora em Educação Guacira Lopes Louro (1997, p.8), que afirma:

Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros... Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas.

Com base no exposto acima, e na ideia primordial de construção social, podemos partir da premissa de que o que é construído pode ser igualmente desconstruído ou modificado. Nesse sentido, a dança nos possibilita explorar dinâmicas corporais distintas entendendo o corpo a

partir de suas potencialidades e não se limitando necessariamente a essa estrutura posta. É inviável dissipar do ensino e prática de dança toda essa lógica que molda nosso corpo e modo de ser construído desde a infância, mas é possível ampliar a prática e consciência corporal para alcançar mediante esta linguagem uma expressividade mais verdadeira que traga sentido ao corpo que a prática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após um período de seis meses de vivência na escola, sendo dois meses observando as aulas, percebemos que a utilização dos espaços/ambientes da escola e as interações sociais entre alunos são esperada, em uma escola e sociedade organizada por valores cisheteronormativos, pois esses dois aspectos se relacionam com as questões de gênero e sexualidade, no que tange os papéis de gênero. Isso implica dizer que, no intervalo, os meninos estão sempre correndo e ocupam todo o pátio com suas brincadeiras enquanto as meninas permanecem sentadas conversando, não havendo quase interação entre eles e elas. Porém, nas aulas de dança percebe-se uma troca espontânea entre eles e elas, bem como com o ambiente. Buscamos, ao longo do Pibid-Dança, refletir sobre como as questões de gênero e sexualidade atravessam o ensino da dança, através da nossa percepção de atitudes e utilização dos ambientes/espacos escolares pelos alunos e alunas, uma vez que esses aspectos são explorados através do movimento e da expressão corporal, assuntos/conteúdos pertinentes ao ensino e prática da dança: será que a presença ou ausência dessas temáticas na escola podem impactar na formação humana? Refletir sobre o próprio corpo e o entendimento que se tem dele e na sua construção com o outro pode influenciar nas relações inter e intrapessoais estabelecidas no ambiente escolar? Como questões de gênero e sexualidade podem contribuir para o ensino de dança na escola? E como o ensino de dança na escola pode fomentar discussões referente a gênero e sexualidade?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que as discussões sobre gênero e sexualidade contribuem com o desenvolvimento humano, principalmente no ambiente escolar. Assim como ajudam a romper com estereótipos, como por exemplo, de que determinadas funções são destinadas

exclusivamente aos homens ou as mulheres, tendo um preconceito em relação ao gênero oposto, com ideias que não possuem uma base científica, sociológica, apenas se constituem como justificativa para os que se consideram dominadores, o que gera desigualdades em diversos meios sociais, como a família, a escola e o mercado de trabalho.

No entanto, mesmo que essas temáticas estejam sendo discutidas com maior intensidade nos dias atuais devido a muita luta e resistência, ainda há um imenso preconceito. Portanto, é responsabilidade de qualquer professor tratar as questões de gênero e sexualidade na escola, posto que isso é uma questão básica na formação do cidadão, porque faz parte, como mencionado, da vida em sociedade/coletividade. A atenção para as relações entre meninos e meninas que ocorrem no cotidiano escolar, uma vez baseadas numa estrutura social cisheteronormativa, nas aulas de dança, pode promover a reflexão dos alunos e das alunas sobre os papéis de gênero e, talvez, nesse sentido, auxiliar na imensa tarefa de tornar um mundo mais igual entre pessoas, independentemente da sua identidade de gênero.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 9(2). P.575- 585, 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/PthD6cgdcDC7MMvJw5zxXDr/?format=pdf&lang=pt>>.

Acesso em 10/12/2023.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós estruturalista** - Petrópolis, RJ, Vozes, 1997. p. 14-36.

MACHADO, Bernardo; LINS, Beatriz. Qual o problema de discutir gênero na escola?. Youtube, 13 de junho de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kz_vl9FRkGk&t=65s>. Acesso em: 05 de dez. 2023.



MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** (PCNs) Arte. 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 02/12/2023.

NASCIMENTO, Letícia. Relações de gênero, educação e o papel das escolas. Youtube, 18 de julho de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SPwacjwePDo&t=86s>>. Acesso em: 05 de dez. 2023.